

A Prevalência da Lógica do Capital

RICARDO ANTUNES*

Nos limites deste pequeno texto vou procurar apontar alguns elementos que determinaram, no plano ontológico, a derrocada da URSS e da equivocadamente chamada "experiência socialista" intentada neste século. Vou fazê-lo recorrendo a duas idéias centrais, deixando de tratar de inúmeras questões relevantes, *mas não determinantes*, que este espaço não permite tratar:

1) Ao contrário do que apregoa a *irrazão* hoje dominante, a experiência da URSS não concretizou valores essenciais do pensamento de Marx, mas acabou por efetivar *a negação aguda dos elementos fundantes de seu pensamento*.

2) As sociedades pós-revolucionárias *não conseguiram constituir-se enquanto sociedades socialistas*; a ruptura iniciada em 1917 *não foi capaz de romper com a lógica histórico-mundial do capital*, apesar de contemplar, no âmbito dos recortes nacionais, dimensões anticapitalistas.

Começemos pela primeira. São conhecidas as idéias de Marx a respeito das possibilidades de rupturas anticapitalistas: estas encontrariam solo fértil somente se as revoluções socialistas atingissem uma dimensão e uma processualidade universalizantes, a partir de "um alto grau de desenvolvimento", dado "num plano *histórico-mundial*". Sem isso, o "comunismo local", impossibilitado de desenvolver-se como "força universal", seria sufocado pelas próprias "forças do intercâmbio" mundial(1). Muito tempo depois, indagado sobre a possibilidade da Revolução na Rússia, Marx acrescentou: pela inserção no "mercado mundial onde predomina a produção capitalista"(2), a Revolução Russa poderá ser "ponto de partida" para o Ocidente, "de modo que ambas se completem"(3).

* Professor do Departamento de Sociologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp.

1. K. Marx, *A Ideologia Alemã*, São Paulo, Ed. Grijalbo, pp. 50-1.

2. K. Marx, "Carta a Vera Zasulich", in *Cara a Cara*, nº I.

3. K. Marx e F. Engels, "Prefácio a la Edición Rusa de 1982 deI *Manifiesto del Partido Comunista*", in *Obras Escogidas*, t. I, Madrid, Ed. Ajuso, 1975, p. 15.

Sabe-se que não foi esta a trajetória russa: uma revolução *singular*, ocorrida num país *atrasado*, não teve como desdobramento a *ocidentalização* da revolução. Com as derrotas das revoluções no centro, especialmente a alemã, a Revolução Russa começa a vivenciar a *tragédia*. Se com Lenin, Trotski e Bukharin, *dimensões* desta tragédia eram visualizadas, com Stalin a Revolução Russa atingiu a absurda condição de *modelo* que deveria ser seguido pelas demais revoluções. Daí para a também nefasta tese staliniana do *socialismo num só país*, e seus vários e cada vez mais equivocados desdobramentos, como o do *socialismo nos países coloniais, dependentes, atrasados etc.* foi um passo muito rápido. *Objetivamente isolada, a Revolução Russa estava impossibilitada de romper com a lógica do capital*; posteriormente, ao ampliar-se (sem revolução) para o Leste europeu e deste em direção à periferia do capitalismo, acentuava a tendência anterior. A efetivação de uma transição *isolada ou subalterna* para o socialismo era uma *impossibilidade objetiva*. *Subjetivamente*, sob o terror da era Stalin, o mito do "socialismo num só país" converteu-se em tese *taticista* com estatuto de cientificidade e de *classicidade*(4).

O resultado final disto está estampado em 1989: a derrocada e o desmoronamento final da URSS e dos países que compunham o falsamente denominado "bloco socialista", que não conseguiram romper com a *lógica, o domínio do capital*(5). Seus traços internos anticapitalistas (de que foram exemplos a eliminação da propriedade privada, do lucro e da *mais-valia acumulada privadamente*) foram incapazes de romper com o sistema de comando do capital, que se manteve através dos imperativos materiais; da divisão social do trabalho herdada anteriormente e só parcialmente modificada; da estrutura objetiva, atrasada em seu início e obsoleta em seu desenvolvimento posterior; e da conseqüente generalização do *reino da escassez*. Seus vínculos com o *sistema mundial produtor de mercadorias* impediram que sua conformação interna com traços anticapitalistas se tomassem determinantes. Ao contrário, estes países curvaram-se à lógica da produção e do mercado sob comando do capital. Na síntese de Mészáros: a União Soviética não era capitalista, nem mesmo um capitalismo de Estado. Mas o sistema soviético estava totalmente dominado pelo poder do capital: a divisão do trabalho permanecia intacta, a estrutura de comando do *capital* (e não do *capitalismo*, na distinção decisiva presente em Marx e reafirmada por Mészáros) também permanecia. O capital é um sistema de comando cujo funcionamento é orientado para a acumulação, e essa acumulação *pode ser garantida por diferentes caminhos*(6). Com um diagnóstico que contempla algumas similaridades, Mandel afirma que "a persistência da produção de mercadorias na URSS e outras formações sociais similares é uma evidência decisiva de que (...) não há uma economia *socialista* nem uma sociedade em que os meios de produção estejam plenamente socializados ou mesmo em processo de

4. Cf. G. Lukács, *Ontologia dell' Essere Sociale*, t. I, Roma, Ed. Riuniti, 1976.

5. Cf. I. Mészáros, "Il Rinnovamento dei Marxismo e l' Attualità Storica dell'Offensiva Socialista", in *Problemi del Socialismo*, n° 23, 1982, "Poder Político e Dissidência nas Sociedades Pós-Revolucionárias", in *Ensaio*, n° 14, 1985 e "Marxism Today: an Interview with István Mészáros" in *Radical Philosophy*, n° 62, 1992, ou também in *Monthly Review*, v. 44 (II), 1992.

6. Cf. I. Mészáros, "Marxism Today: an Interview with István Mészáros", op. cit., p. 31.

socialização?"(7).

Outro autor, em recente e polêmico ensaio, desenvolveu a tese de que o sistema soviético estava na sua *interioridade* impossibilitado de romper com a *lógica do sistema global produtor de mercadorias e do trabalho abstrato*. Depois de demonstrar que o "sistema de mercado planejado", seguindo sua própria lógica imanente, levou ao extremo todas as irracionalidades do sistema produtor de mercadorias, em vez de começar a eliminá-las, acrescentou: a produção de mercadorias "do 'socialismo real', ao chegar ao mercado mundial, (teve) que sujeitar-se às leis deste, independente de suas leis próprias... O mercado mundial, em primeiro lugar uma metaesfera da produção de mercadorias das economias nacionais, impõe progressivamente em um contexto global a lei da produtividade, descrita por Marx"(8).

Esses países, tendo a URSS à frente, com insuficiente nível de desenvolvimento das forças produtivas, apesar de configurarem-se como sociedades pós-capitalistas, foram gradativa e crescentemente sufocados pela lógica histórico-mundial do capital; a *tentativa* de transição socialista intentada neste século XX não foi capaz de quebrar o centro hegemônico do capitalismo e a partir daí iniciar efetivamente a desmontagem da lógica do capital. Em vez da associação livre dos trabalhadores, da omnilateralidade e emancipação humanas, de que tanto falou Marx, vivenciou-se a crescente subordinação destes países aos regramentos próprios do capital e do sistema produtor de mercadorias. Na verdade estas sociedades pós-revolucionárias constituíram sociedades *híbridas, nem capitalistas e nem socialistas*, cujas transitoriedades, embora tivessem um *télos* voltado abstratamente para o *socialismo foram objetiva (e subjetivamente)* regredindo e acomodando-se ao sistema produtor de mercadorias em escala internacional. Penso que há uma certa similaridade, para fazermos um paralelo histórico, com as formações sociais que, à época da transição do feudalismo para o capitalismo, assumiram também uma conformação *híbrida*, que gerou inclusive um expressivo e controvertido debate no interior do marxismo. A diferença mais evidente é que naquele trânsito o capitalismo tomou-se, ao final do processo, vitorioso, diferentemente da transição intentada no século XX, que não levou à superação do modo de produção capitalista. O caso chinês parece exemplar: subsiste por meio de uma falaciosa "economia socialista de mercado", cada vez mais atada (e sintonizada) com o sistema mundial produtor de mercadorias e sustentada até não se sabe quando por uma autocracia partidária.

Quero concluir com três sintéticas indicações: *Primeiro*, os eventos de 1989 sinalizam uma nova era, de crise aguda do capital(9), bem como a possibilida-

7. E. Mandel, "Marx e Engels: A Produção de Mercadorias e a Burocracia - As Bases Teóricas para a Compreensão Marxista da União Soviética", in *Ensaio*, nº 14, p. 57.

8. R. Kurz, *O Colapso da Modernização (Da Derrocada do Socialismo de Caserna à Crise da Economia Mundial)*, Rio de Janeiro, Ed. Paz e Terra, 1982, p. 102 e 131-2.

9. Cf. R. Kurz, op. cit., e I. Mézáros. *Produção Destrutiva e Estado Capitalista*. São Paulo, Ed. Ensaio, 1989.

de real de revivescimento de uma esquerda *renovada e radical*, de *inspiração marxiana*, que não poderá ser responsabilizada pela barbárie (neo)stalinista vigente naqueles países até pouco tempo(10). O movimento socialista também ver-se-á beneficiado pela intensificação das contradições sociais nas formas societárias que estão se configurando na ex-URSS e demais países do Leste europeu.

Segundo: a análise das experiências revolucionárias do século XX nos permite concluir que "a revolução social vitoriosa não poderá ser local ou nacional, somente a revolução política poderá confinar-se dentro de um quadro limitado, em conformidade com sua própria parcialidade - (a revolução social) deverá ser *global/universal*, o que implica a necessária superação do Estado em sua escala global"(11). Do que se depreende que as ocorrências *de revoluções políticas nacionais* não levam à realização *imediate e nacional* do socialismo, uma vez que este supõe um processo *ampliado* e de dimensão *universalizante*.

Terceiro: as possibilidades reais de superação do capital ainda encontram como subjetividade coletiva capaz de efetivá-las a *classe-que-vive-do-trabalho*. Mais heterogênea, mais complexificada e mais fragmentada é, entretanto, pela análise da sociabilidade do capital, o *ser social* ontologicamente ainda capaz de virar uma nova página da história.

10. Cf. L. Magri, "The European Left between Crisis and Refoundation", in *New !.e/t Review*, n° 189, 1991, p. 9.

11. I. Mészáros, "Il Rinnovamento del Marxismo e l' Attualità Storica dell' Offensiva Socialista", op. cit., p. 60.

ANTUNES, Ricardo. A prevalência da lógica do capital. *Crítica Marxista*, São Paulo, Brasiliense, v.1, n.1, 1994, p.81-84.

Palavras-chave: Lógica do Capital; Sociedades Socialistas; Experiências revolucionárias.